



EMBARQUE DO PRINCEPE BARIATINSKI PARA O CAUCASO.

EMBARQUE DO PRINCIPE BARIATINSKY PARA O CAUCASO.

Havendo o principe Bariatinsky sido nomeado vice-rei do Caucaso, seguiu para o seu destino, em Março do anno passado, a bordo do *Astara*, vapor da marinha imperial russa, construido para a navegação do Volga e do mar Caspio pelo coronel Okounieff, engenheiro de grande merito.

O novo vice-rei era acompanhado por luzido sequito, como costumam sel-o todos os personagens nomeados na Russia para semelhantes cargos. Não obstante, porém, o grande numero de pessoas que compunham a sua comitiva, e a respectiva criadagem, tudo se alojou perfeitamente a bordo do *Astara*, que, orgulhoso da carga que transportava, poz a prôa em demanda das distantes praias do Caucaso.

É o acto do embarque do principe que a nossa estampa representa.

S. PAULO DE LOANDA

Do diario d'um official da marinha franceza, nos annos de 1852 a 1854, extrahimos a seguinte descripção da nossa colonia, e como recreação para amenisar a narrativa, os episodios que o autor lhe aggregou.

— A enseada de S. Paulo appareceu-nos como uma bahia grande e oval. Para chegarmos aquelle ponto tivemos de atravessar por um canal, quasi da largura de um kilometro. Este canal corre por meio do continente e as praias da ilha de Loanda, situada quasi em frente da cidade, mas um pouco mais para o sul.

S. Paulo desenha-se no fundo da enseada qual um immenso arco, cuja extremidade, a do sul, descaê por traz da ilha de Loanda; e a outra, a do norte, pela retaguarda do forte S. Pedro.

A cidade portugueza pareceu-me admiravelmente defendida. O sitio por onde se entra na enseada é dominado, d'um lado pelo forte S. Pedro, e do outro pelas baterias da ilha, que, cruzando seus fogos, podem cobrir toda a passagem. Pelo que respeita ao canal que corre entre o continente e a parte norte da ilha, ha muito tempo que está impraticavel pela immensa quantidade de areia que os ventos do sul ahi ajuntaram, e que formam pégos onde o mar se revolve com violencia. A bahia é protegida pela artilharia dos fortes S. Miguel e Penedo.

Assentada sobre o flanco de uma montanha, cujo cume está adornado pelas casas construidas na parte mais alta, S. Paulo divide-se naturalmente em cidade baixa, e alta. A cidadella S. Miguel, construida n'uma eminencia, forma a linha de demarcação entre as duas referidas partes. S. Miguel defende a parte alta, e por cima da baixa, que domina, pode juntar seus fogos aos

do forte Penedo, que serve de payol, e se eleva á flor d'agua junto á cidade baixa.

A pequena ilha de Loanda, onde privilegiadamente habitam os moradores ricos de S. Paulo, merece particular descripção. A bem dizer, não é mais do que um banco de areia; mas um banco de areia convertido n'um paraizo terrestre. No meio de deliciosos jardins, plantados de flores dos tropicos, de brilhantes e variadas côres, apparecem encantadoras quintas de senhores portuguezes. Os platanos, e as arvores da Africa, com sua folhagem verde-escura, formam, ao redor das habitações, primorosos bosquesinhos, aos quaes os indolentes colonos vão pedir frescura sobre aquellas alcatifas de relva. Nas suas cupulas, cuja verdura é impenetravel aos raios do sol, as folhas, agitadas pela brisa do mar, substituem mui vantajosamente os negros armados de compridos leques.

Na manhã seguinte saltámos em terra. Apesar da hora ser ainda pouco adiantada, já o calor era insupportavel n'aquellas ruas largas, bem arejadas, e regularmente abertas. As casas, construidas de pedras e ladrilhos, elevando-se a dois andares em certos locaes, aprimoradamente caídas externamente, reflectiam os raios solares, e deslumbravam a vista. As calçadas, feitas de cimento misturado com calhausinhos agudos e conchas, escaldavam e magoavam os pés.

As lojas das casas são occupadas pelas tabernas, e armazens dos negociantes de mandioca, vinhos e aguardentes.

No primeiro andar, habitado pelos donos d'aquelles armazens, vimos por mais de uma vez alguma delicada mãosinha levantando as finas esteiras que ali fazem as vezes de cortinas. De ordinario succedia á apparição d'aquella fina mãosinha uma cabeça moldurada por cabellos negros, verdadeiro typo da formosura hespanhola.

Do palacio do governador, grande casa de dois andares, resplendente de aceio, onde incessantemente os negros entravam e saíam, e situada n'um dos melhores locaes de S. Paulo, dirigimo-nos para o hospital, que muito nos tinham gabado. Levanta-se o edificio entre dois jardins, plantados de arvoredos, no qual os doentes vão tomar sombra e fresco. Este hospital não tem enfermarias, propriamente ditas; cada doente tem seu quarto á parte; e basta apresentar-se n'elle o enfermo para ser tratado como a molestia exige.

Ha muitas egrejas em S. Paulo; nenhuma merece, comtudo, especial menção.

Admira a diaria animação que ha n'estas ruas, atulhadas sempre de mulatos e negros levando á cabeça provisões de toda a especie; e de brancos, negociantes e empregados, tratando dos seus negocios, ou dirigindo-se ás suas occupações. Junto de nós passavam de carreira negros carregados com canastras de peixe, pescado talvez bem ao largo. Velhas esfarrapadas paravam para lhes offerecerem algum amuleto, cuja posse lhes asseguraria boa pesca ou venda. Não é só

a estes que ellas offerecem tão singular mercancia; a todos os apresentavam; a uns para se fazerem amar; a outros para se preservarem d'algum mal. Estes talismans comtudo nada teem de extraordinario: assimilham-se aos mocrokissos dos naturaes de Mayomba.

Por entre aquella multidão fomos seguindo até à praça do mercado. E' um largo, situado quasi no centro da cidade, cercado de muitas lojas, onde se concluem negocios pouco consideraveis. Esta praça está sempre atulhada ou de pretas e pretos, cobertos somente com tangas esfarrapadas, e que ali vão comprar sua magra pitaça; ou de mulatas bem vestidas, que pertencem a alguma casa rica, seguidas de escravos que levam seus balaios cheios de boas fructas, e excellente peixe. Os vendilhões, sentados no chão, com os generos defronte de si, convidavam com suas vozes os transeuntes a dar-lhes a preferencia. Uns vendiam aves e caça; outros arroz, farinha de mandioca; fructa de toda a especie, ananazes, laranjas, cidras, festicos; cachimbos, tabaco; vinho de palma; aguardente, etc. Enquanto a carne de vacca, só um unico açougue fornece S. Paulo, ou para melhor dizer os personagens mais importantes de S. Paulo. Toda aquella gente gritava, disputava, ou cantava; era um barulho com que ninguem se entendia. Ao sair do mercado, as pretas, apresentando-nos enormes balaios, perseguiram-nos com os seus gritos de *cola! cola!* Não pudemos desembaraçar-nos d'ellas senão comprando-lhes alguns d'esses fructos, que são muito estimados no paiz pois se reputam remedio efficaz para todas as molestias, e se assimilham ás nossas castanhas. Na forma exterior são do tamanho de uma pinha; quebrada a casca, acham-se no interior dez nozes de cola, encerradas cada uma em sua vage. Quando chegamos a uma das ruas mais frequentadas, vimos muitas damas em liteiras, e homens elegantemente vestidos, parados defronte de barracas. Era uma feira.

N'essas barracas estavam sentadas as pretas, involvidas desde a cabeça até aos pés em fazendas indianas de côr, com um lenço de seda segurando os cabellos; e as orelhas, braços, peçoços, e delgados da perna, enfeitados com arrecadas, manilhas e cordões. Aquellas pequenas lojas conteem tudo quanto se deseja; para as senhoras ricas, adornos completos de ouro, coral, ou marfim, estofos da Europa, meias de todas as côres, sapatos, etc.; para as mulheres do povo, caças, lenços, algodões estampados, cordões, braceletes, e arrecadas de cobre ou aço. Depois esteiras, barretes, tangas, cestos, tudo de junco tecido, mas tão fino, que pela flexibilidade parece estofos; vasos onde o artista reproduziu uma idéa, verdade é que informe, mas com um certo sentimento da arte. Ao lado de espingardas de toda a qualidade e preço, e de armas de toda a especie, estavam loiça de barro, e utensilios de cobre.

«Então, meu freguez, não me compra nada?...

veja estas lindas armas... olhe para este punhal... Parei: o punhal era habilmente trabalhado. Era a arte na sua infancia. Em roda do punho de cobre em forma de cruz, enroscava-se uma serpente perfeitamente imitada. A bainha, do mesmo metal que o punho, estava ornada de dois desenhos em relevo, representando um a Virgem chorando, e a outra Christo, resuscitado. Comprei esta arma por baixo preço. Demorei-me ali ainda algum tempo, não me fartando de admirar a maravilhosa destreza com que manufacturam os objectos de cobre e ferro. Muito mais admirava pelo conhecimento que eu tinha de quantas difficuldades o artista havia de vencer por falta de meios e instrumentos adequados. O motivo porque se vendiam taes objectos a tão baixo preço era por ser o paiz abundante em ferro e cobre. Os pretos extrahem-no das muitas minas que estão situadas nos suburbios de S. Paulo.

Por fim abandonámos o exame d'aquellas lojas, cujas donas teem no paiz o nome de quitandeiras. São ricas, e o seu vestuario logo o dá a conhecer. Não admira comtudo a fortuna que possuem, porque todo o commercio a retalho, de S. Paulo e da provincia, corre por mãos d'ellas.

Estavam seccos os nossos toneis. Para os encher dirigimo-nos á ilha de Loanda onde havia, segundo nos disseram, a unica agua potavel do paiz. Foi necessario abrir na areia covas na profundidade de dois e tres pés, que immediatamente se encheram de agua limpida e doce. Só os ricos podem usar d'este meio; porque os pobres são obrigados a servirem-se da que mana das fontes alimentadas pelo rio Bengo. Este o motivo da grande mortalidade que ahi reina na população. A causa provém de ser o Bengo, na vasante, meio coberto de troncos podres de arvores, e de immundicies. Perguntei depois a alguém o motivo porque se não abrem poços publicos na ilha. Respondeu-se-me que ainda que razoavel, esta idéa não se pode comtudo levar a effeito, porque a agua doce que enche as poças feitas na areia, ao cabo d'algumas horas, se transforma em detestavel agua salgada.

Continua.

CATALOGO DOS GOVERNADORES DE SOFALA E MOÇAMBIQUE.

Governadores e capitães generaes de Moçambique.

Conclusão.

- 1752. Francisco de Mello e Castro.
- 1757. João Manuel de Mello.
- » David Marques Pereira (Interino.)
- 1759. Pedro de Saldanha e Albuquerque.
- 1761. Calisto Rangel (morreu na viagem.)
- 1762. João Pereira da Silva Barba.
- 1765. Baltasar Manuel Pereira do Lago.
- 1779. P. João Vieira da Cruz.
- » Ouvidor Diogo Guerreiro de Aboim.

- » Capitão Francisco da Costa.
 » Diogo Guerreiro de Aboim.
 » Fr. Victorino de S. José.
 » Tenente coronel Vicente Caetano Maya.
 » Fr. José de Vasconcellos Almeida.
 1781. Vicente Caetano de Maya Vasconcellos.
 1782. Pedro de Saldanha (segunda vez.)
 1783. Bispo de Pentacomea.
 » Ouvidor Antonio José Moraes Durão.
 » Vicente da Maya (terceira vez.)
 1786. Antonio Manuel de Mello e Castro.
 1793. D. Diogo de Sousa, C. de Rio Pardo.
 » Francisco Guedes de Carvalho Menezes.
 1801. Isidoro d'Almeida Sousa e Sá.
 1805. Francisco de Paula Amaral Cardoso.
 1807. Bispo d'Olba.
 » Ouvidor Agostinho Delgado Pinto.
 » Coronel Elias José Pereira Ramos.
 1809. Antonio Manuel de Mello e Mendonça.
 1812. Marcos Caetano d'Abreu e Menezes.
 1817. José Francisco de Paula Cavalcanti.
 1818. Fr. José Nicolau Pegado.
 » Brigadeiro Francisco Carlos Lacé.
 » Juiz de fora Amaro Guedes da Silva.
 1849. João da Costa Brito Sanches.
 1821. Bispo de S. Thomé.
 » Brigadeiro João Vicente de Cardinas.
 » Joaquim Antonio Ribeiro.
 » Francisco de Paula.
 » Baltasar Manuel de Sousa e Brito.
 » Tenente general João Manuel da Silva.
 » Bispo prelado de Moçambique.
 » João Vicente de Cardinas.
 » Capitão-mór Antonio Alvares de Macedo.
 » Juiz Dyonisio Ignacio de Lemos.
 » Baltasar Manuel de Sousa e Brito.
 » Tenente coronel Antonio Lourenço de Sousa.
 1823. João Manuel da Silva.
 1825. Sebastião Xavier Botelho.
 1829. Paulo José Miguel de Brito.
 1832. Fr. Antonio José da Maya.
 » Ouvidor Joaquim Xavier Diniz.
 » Francisco Henriques Ferrão.
 1834. Fr. Antonio José da Maya.
 » João Alexandre de Almeida.
 » Adolpho João Pinto de Magalhães.
 » Theodorico José de Abranches.
 » Francisco Ferreira Nobre.
 » José Gregorio Pegado (Gov. militar.)
 1836. Major Candido da Costa Soares.
 » Juiz de direito A. Ramalho de Sá.
 » Padre Custodio José Vaz
 » Antonio Francisco Cardoso.
 » José Ignacio d'Andrade Nery.
 1837. D. Antonio José de Mello.
 » Joaquim de Sant'Anna Miranda.
 » Antonio Francisco Cardoso.
 » João da Costa Xavier.

Governadores geraes de Moçambique.

1837. Marquez de Aracaty.

1838. Antonio Ramalho de Sá.
 » Antonio Francisco Cardoso.
 » Caetano da Costa Mattoso.
 » Antonio José da Maya.
 » Joaquim de Sant'Anna.
 » Adolpho João Pinto
 1840. Joaquim Pereira Marinho.
 1841. João da Costa Xavier.
 1843. Rodrigo Luciano de Abreu e Lima.
 1847. Domingos Fortunato do Valle.
 1851. Joaquim Pinto de Magalhães.
 1854. Vasco Guedes de Carvalho e Menezes.
 1857. João Tavares de Almeida

O ENXOVAL DA INFANTA D. BEATRIZ,
DUQUEZA DE SABOYA.

Conclusão.

Coisas de vestir.

Cinco timbres de martas, e em cada timbre quarenta, que são por todas duzentas peças de martas, que vinham em oitocentos e sessenta e sete mil réis.

Uma guarnição de um habito, e mantilha de tela de prata doirada, da largura de quatro dedos; a qual pesou juntamente quatorze marcos e tres onças.

Quarenta e seis covados e terça de tecido largo, tambem de fio de prata doirada; e cinco covados e terça de tecido estreito; o qual, um e outro, pesou juntamente treze marcos, quatro onças, e duas oitavas e meia.

Noventa e seis palmos de barra de canotilho de prata, de um lavor de rosas sobre setim preto, para guarnirem uma saia; a qual guarnição de prata pesa nove marcos, cinco onças, e uma oitava.

Uma fita de trançar, de seda branca e oiro, que tem de comprido cinco varas, e pesou uma onça e seis oitavas.

Uns vivos de touca, com os cadilhos todos de oiro torcido, e os vivos de oiro e seda parda; que pesaram seis onças e meia.

Um habito de setim branco, de tafetá carmesim o corpo sómente e mangas, e dianteiras de tela de oiro bordado de canotilho, de lavor de troças e rosas largo todo á roda, e mangas abertas com lavor do mesmo teor e obra cada parte, e assim as reigadas e cabeção; e pela roda de dentro sua banda de tela de oiro com sua porta do teor do habito; e por baixo outra de tafetá azul. Pesou a prata d'esta guarnição doze marcos, cinco onças e tres oitavas e meia.

Uma saia de velludo avellutado pardo, forrada de tafetá pardo, e as mangas de feição toscana, forradas de brocado rico, com sua porta forrada de tafetá; a qual saia tem pela roda e bocaes de mangas um entre-talho de laços de fita de prata doirada, e assim pela porta e cabe-

ção; a qual guarnição pesou de prata sete marcos, quatro onças, e duas oitavas.

Um faldilha de setim avellutado amarello, com sua porta forrada de tafetá, e o corpo da dita faldilha é forrado de bocaxim preto; e de fora toda a roda e porta com dois entre-talhos de laços de fita de prata branca; e por baixo um debrum do dito setim avellutado; a qual prata d'esta faldilha pesou sete marcos e meio.

Uma faldilha de damasco branco, forrado de bocaxim preto com sua porta forrada de fustão pardo; e de fora cheia toda de lisonjas de brocado rico pela roda dianteira, travesseira, e ilhargas, com seu cós do mesmo brocado.

Duas averdugadas, saber: uma de setim avellutado verde com o cós forrado de tafetá azul, e a outra de setim carmesim com seu cós de velludo carmesim forrado de tafetá pardo com treze verdugos cada uma.

Outra de setim carmesim forrada de bocaxim, com sua porta forrada de fustão pardo por acabar.

Um sainho de setim pardo com as mangas abertas por acabar.

Dois corpesitos, saber: um de damasco branco forrado de tafetá verde; e o outro de setim carmesim também forrado de tafetá, e debruado de velludo pardo a dois debruns.

Um habito de contray por acabar, o qual hade ser guarnecido de prata, e a prata da dita guarnição pesa treze marcos, quatro onças, e duas oitavas.

Uma saia flamenga de velludo preto por acabar, com sua porta e corpinho forrado de tafetá pardo com enchimento de ruão do sello amarello; a qual hade ser guarnecida de prata, e a prata pesa quatro marcos, seis onças, e duas oitavas.

Uma cota portugueza de setim pardo, sem porta, forrada de bocaxim preto, por acabar.

Uma faldilha de brocado de pello rico branco, forrada de tafetá amarello, com cós e debruns de setim avellutado aleonado.

Um habito de tela de oiro roxa, forrado de tafetá amarello o corpo sómente, com a porta também de tafetá.

Outro habito de brocado de pello rico roxo, com o corpo forrado de tafetá verdegaio, e as mangas, dianteiras, e roda de tela de prata branca, com sua porta de tafetá.

Outro habito de brocado de pello rico branco, forrado de tafetá verde, e o corpo, mangas, dianteiras, e roda de setim azul, com duas portas, uma de brocado, e outra de tafetá azul.

Outro habito de brocado de pello, o baixo de oiro tirado, e o pello de prata, forrado de tafetá verde, e o corpo, mangas, dianteiras, e roda de setim azul, com duas portas, uma de brocado, e outra de tafetá azul.

Uma faldilha de tela de oiro, forrada de tafetá verde, com cós e debrum á roda de setim avellutado aleonado, com sua porta de tela de oiro, forrada de tafetá pardo.

Um capuz de velludo preto, forrado de tela de oiro acolchoado.

Uma mantilha de tela de prata, forrada de setim avellutado encarnado.

Uma faldilha de velludo avellutado carmesim, com sua porta forrada de tafetá azul, e pela roda debruada do dito velludo avellutado, forrada de bocaxim, e o cós de setim carmesim.

Um brial flamengo de setim amarello, forrado de bocaxim, e as mangas forradas de setim avellutado amarello, e dianteiras e roda, barrado todo do dito setim avellutado, e sua porta do teor, forrada de fustão.

Uma saia flamenga de velludo avellutado carmesim, forrada de tafetá azul, e as mangas, dianteiras, e roda de damasco branco, e o corpinho forrado de tafetá carmesim, com sua porta do mesmo velludo, forrada de tafetá.

Um habito de setim roxo carmesim, debruado de setim avellutado roxo com mangas, dianteiras, e roda forrada de tela de prata.

Uma faldilha de brocado rico de pello roxo, forrada de tafetá amarello, debruada pela roda de setim avellutado aleonado, e cós d'ella.

Um capuz de setim avellutado carmesim, forrado de setim amarello.

Uma lota de velludo preto, forrada de setim amarello.

Um mogi de velludo preto, debruado de velludo também preto, com as mangas, dianteiras, rodas, e cabeção forrados de setim encarnado.

Um sainho alto de velludo preto, forrado de damasco preto as mangas, e a dois debruns.

Uma cota flamenga de velludo preto, forrada de bocaxim, e o corpo forrado de tafetá pardo, com porta do dito velludo forrada de fustão branco.

Uma mantilha de damasco preto, debruada de velludo preto.

Um brial portuguez de damasco preto, aberto por muitos logares, e por todas as partes barrado a duas barras, e encadeado de velludo preto forrado de bocaxim, e as mangas, dianteiras, e roda forradas de setim encarnado, e o corpinho de tafetá azul.

Uma faldilha de escarlata, debruada de velludo pardo a tres debruns, e entre debrum e debrum um tecido de tela de oiro estreito, e ella bandada por quatro logares ao comprimento, e a roda pela dita guisa.

Uma mantilha de setim aleonado, forrada de tela de prata, e aberta por uma ilharga; toda bordada de velludo aleonado atrocelado de oiro fiado.

Uma faldilha de setim avellutado encarnado, bordada pela roda, com entre-talho de setim encarnado atrocelado de prata fiada, de meia largura da seda, com sua porta do teor, e debruada pela roda do sobredito setim avellutado, e o cós d'elle forrado de bocaxim encarnado.

Um brial de setim encarnado, bordado todo por mangas, dianteiras, e roda de setim avellutado encarnado, atrocelado de prata fiada, com

porta do mesmo teor; e as mangas, dianteiras, e a rodã forradas de velludo avellutado encarnado, e o mais de tafetá verde, e uma porta de fustão, e a outra porta de tafetá encarnado.

Uma faldilha de panno florentino branco, quarta pisada de laços de debruns de velludo carmesim.

Um mogi de setim avellutado roxo.

Mais sete faxas, a saber: uma de setim amarello; outra de setim encarnado; outra de setim azul; outra de damasco branco; outra de velludo preto; outra de velludo avellutado encarnado; e outra de setim branco, cada uma de dois covados e meio.

Mais dois sombreiros cobertos de velludo, a saber: um de preto, e outro de pardo, guarnecidos de oiro e retroz das ditas côres, a saber: ao redor duas tranças ajateadas cada um, e ao redor das copas outra com quatro botões, e nos cabos das ditas tranças outros botões com nove presilhas, e outro tanto nas compridas, que vem por sobarba com outros botões, que correm, com que se apertam.

Duas escovas guarnecidas de velludo, e franjadas de retroz.

Uma cadeira de pau com seu assento e encosto de brocado rico, franjada de oiro e retroz verde, o encosto por baixo de franja larga, e o mais todo de estreita; sómente o baixo do assento também todo á roda de franja larga e tranças ajateadas do mesmo teor, largas, e sua pregadura doirada.

Todas estas coisas atraz conteudas, do titulo da tapeçaria até aqui estão em vinte e quatro folhas escriptas de ambas as partes.

UMA VIAGEM A INDIA NOS FINS DO SECULO XVII.

Publicamos este opusculo que extrahimos de um codice, que provavelmente pertenceu á livraria do conde de Ericeira, não pelo seu valor historico, mas porque nos pinta o desleixo em que caíra a administração naval, n'uma epoca em que ainda a nossa marinha conservava alguns restos do seu antigo esplendor.

O mal já era antigo e inveterado no nosso sistema de transportes. Miguel Severim de Faria nas suas «Noticias de Portugal» tratando da falta de população que se observava em Portugal no seu tempo, escreve o seguinte: «Para o que é de saber, que de dois mil soldados, que vão ordinariamente em tres naus para a India cada anno, morre grande parte d'elles em viagem: porque como vão setecentos e oitocentos, e inda mais n'uma nau, naturalmente adoece e fallece grande numero d'elles, por se corromper o ar dentro das cobertas com os bafos e immundicias: de maneira que o mesmo é descer a ellas, que entrar em um logar pestilento, e o pobre soldado, que adoece, não tem cama nem limpeza, nem regalo, nem consolação alguma.»

Exactamente o mesmo acontecia no tempo de Diogo de Couto. Este nosso chronista affirma que na nau em que elle partira em pessoa para a India, que fazia parte da esquadra do vice-rei D. Antonio de Noronha (Decada 9 — Cap. II) saíram de Lisboa novecentas pessoas, e morreram na viagem quatrocentas e cincoenta: dos quatro mil soldados que o vice-rei levava morreram na viagem dois mil.

Esta foi uma das causas das victorias que as armas dos hollandezes alcançaram na India. Os seus navios não conduziam mais de trezentos homens escolhidos, os quaes commerciam e combatiam conjuntamente, occupando elles apenas tres portos, por onde se fazia todo o trato mercantil.

A prova evidente de rotina, que dominava todos os negocios em Portugal é nós vermos os mesmos erros reproduzidos um seculo depois, e quando as reformas administrativas de Luiz XIV existiam no seu maior esplendor.

Vê-se por tanto que a incuria e a ignorancia na administração publica foram causas poderosas da nossa decadencia, e que essas epocas que alguns escriptores pintam como sendo de paz, abundancia, bem estar, e mesmo de longevidade, não resistem ao testemunho imparcial dos factos.

LOPES DE MENDONÇA.

BREVE RELAÇÃO DO QUE PASSOU NA VIAGEM DA INDIA O CONDE DE VILLA VERDE, VICE-REI D'AQUELLE ESTADO NO ANNO DE 1692.

Saimos da barra de Lisboa a 25 de Março com vento forte e logo chegámos a experimentar os rigores do mar, porque encontramos uma nau flamenga, que estava sobre ancora, e sem nos podermos desviar d'ella a abalroámos com grande perda sua, e alguma nossa, porque nos levou uma varanda: logo descaímos com a força do vento e corrente sobre um baixo, onde ficou o leme em secco sem poder governar, com grande medo de todos: feitas todas as diligencias que pedia a occasião, foi Deus servido livra-nos, com que seguimos a nossa viagem.

Aos 10 de Abril avistámos a ilha de Palma uma das Canarias, onde por falta de vento, e grandes correntes fomos caindo sobre a terra sem remedio algum, por serem os rochedos mui altos e não se achar fundo. Faltando aqui a industria humana, para evitarmos tão manifesto perigo, recorremos a buscar o ultimo remedio, que só do ceo nos podia vir, o que sollicitámos com varias preces, esmolas e outros votos a Deus; o que acabado, de improviso nos entrou logo vento norte fresco, que em poucas horas nos fez perder de vista a terra, e fomos seguindo prosperamente a viagem, mas sempre com pouco panno, por causa da nau almirante, que nos não podia acompanhar, por não poder augmentar de panno e muitas vezes nos foi forçado esperar dias e noites por ella á capa.

Aos 23 de Maio passamos a linha equinocial depois de estarmos debaixo d'ella trinta e dois dias com excessivas calmas e muitos doentes, de que a maior parte eram febres malignas chegando a estar cento e cincoenta doentes juntos, faltos já de gallinhas, doces, e medicamentos: de sorte que se não fosse o conde vice-rei, o qual não só com a sua assistencia, mas com todo o necessario da sua dispensa e botica acudia com liberalidade magnifica seriam os mortos muito mais em numero: e na verdade não é crível a caridade e cuidado que tinha o conde de todos, não reparando em gastos, por maiores que fossem, e ainda com incommodo seu, mandando não lhe dessem a elle gallinha, porque não faltasse aos doentes. Houve dia em que saíram da sua cozinha mais de duzentas porções de gallinha, para os doentes e convalescentes, ordenando aos seus dispenseiros que da sua dispensa dessem tudo para elles, sem ser necessario pedir-lhe nova licença.

Aos 23 de Junho estando em vinte graus de altura encontramos uma grande nau, a qual nos veio logo demandar, e nós a ella, apparelhados para tudo, o que podesse succeder, assistindo a diligencia e cuidado do conde visorrei em todos os logares e partes com summa vigilancia, como um grande capitão que toda a sua vida andou no mar; e vestido de gala com suas plumas no chapeo se poz ao pé do mastro grande, esperando o combate intrepido, e animando só com a vista a todos. Mas chegando a nau perto, conhecemos ser franceza, e assim viemos á falla: e perguntando-lhe quem eram, responderam ser o commandante de quatro naus governadas por Monsieur** a qual ia para a India e se tinha apartado das outras, por causa de uma tormenta, que havia quatro dias tinha tido: elles nos perguntaram quem eramos, ao que foi respondido, ser nau de el-rei de Portugal, que ia para a India com o conde visorrei: logo nos perguntaram se necessitavamos de alguma coisa, e fazendo nós a mesma pergunta, foi respondido de uma e outra parte não haver necessidade de coisa alguma, e assim tirando o chapeo o general de França, e colhendo um pouco a bandeira, que logo outra vez largou, virou com todo o panno, e nos apartámos.

Aos 8 de Agosto se pegou de noite o fogo no pharol por causa do grande vento, o qual fez logo o visorrei extinguir com grande cuidado e presteza, trabalhando todos com summa disposição.

A 9 do mesmo mez dobrámos felizmente o Cabo da Boa Esperança, com alegria universal de todos, em especial dos officiaes da nau, os quaes foram premiados do conde visorrei com singular liberalidade.

Aos 15 do mesmo mez padecemos uma furiosa tormenta, a qual durou quarenta horas, de sorte que nos davamos já por perdidos: eram tão grandes os mares, que sobrelevava a verga grande de parte a parte, e vendo-nos por instantes submergidos; e chegaram a dizer os pilotos não

terem visto vento mais rijo: o trabalho que se teve foi muito grande, acudiram todos os officiaes com extraordinaria vigilancia, vendo a assistencia que o conde fazia em todas as partes: o qual em quanto durou a tormenta esteve com grande incommodo no castello de pôpa; e finalmente, não sabendo mais a arte humana, recorremos á misericordia divina com deprecações, fazendo promessa a Nossa Senhora do Ribandar de levarmos todos descalços o traquete á igreja de Goa; e foi Deus servido livrar-nos de tão grande perigo, assim de vento, como de um baixo que nos ficava bem perto, com que seguimos felizmente a nossa derrota.

Aos 2 de Setembro avistámos Moçambique, e aos 3 ancorámos dentro, d'onde se deu logo ordem a fazer provisões d'aquillo que necessitavamos, e tão grande expedição se deu, que em cinco dias tivemos dentro da nau cento e oitenta pipas e tudo o mais de que havia falta.

Aos 9 do mesmo saímos para fora, mas entrou-nos logo o vento contrario, e as correntes mui grandes, o que tudo nos obrigou a dar fundo para não perdermos o porto, onde estivemos cinco dias esperando vento. Como este nos faltasse, mandou o vice-rei chamar os pilotos, assim da nau como da terra para ver se podia ainda proseguir a viagem: responderam-lhe que era impossivel, pela monção ser acabada, e que se arriscava á perda pela experiencia que tinham da costa. Com a qual resolução no dia 18 tornámos a Moçambique com universal sentimento por sermos obrigados a invernar n'esta ilha esperando a monção pequena, que é em Março, tempo em que só podiamos fazer viagem para Goa.

Aos 24 do mesmo mez de Setembro entrou a nau almirante que se apartou de nós antes do cabo, e que chegou mui destroçada, e com muitos doentes infectados do mal de Hollanda e que poucos escaparam.

Já que estivemos tanto tempo em Moçambique parece acertado dar d'esta terra uma breve noticia: é uma ilha que está na altura de quinze graus, pequena no districto, porque não excede no comprimento um quarto de legua, e de largura tem ainda menos: ha n'esta ilha um collegio da companhia, um convento de dominicos, e outro de religiosos de S. João de Deus, os quaes tem á sua conta o hospital. Na ponta d'esta ilha está uma fortaleza boa na fortificação, e mui bem guarneçada de grossa artilharia: é o clima mui pouco sadio, a terra em si esteril, porque em tanta pequenez mal pode haver o necessario para o sustento: tudo porem lhe vem de fora em abundancia, com que fica sendo assaz provida para a gente que em si tem. E' terra muito grossa para contracto que tem com os Rios de Senna, Sofala, e Cuama, d'onde lhe vem oiro, marfim, e pau preto em quantidade, e se o contracto fosse mais franco seria sem duvida mais servida, e muito mais grossa do que é: porque da chronica do felicissimo rei D. Manuel consta ser esta ilha antes de os por-

tuguezes a tomarem mui frequentada de embarcações, que de todas as partes vinham contractar: o que tudo fazia esta ilha muito rica, e abundante: e hoje é este porto tão pouco frequentado de barcos que só de anno a anno lhe vem algum do norte e Goa e dos rios: perto d'esta ilha fica a de S. Lourenço, cujos naturaes desejam muito se abra o commercio para com elles, do que não resultaria pequeno lucro a Moçambique, por ser aquella grande ilha muito abundante de tudo.

Bem cuidavamos nós que o invernar em Moçambique nos serviria de allivio ás molestias, que tinhamos tido no mar: mas foi ao contrario, por serem grandes os incommodos que aqui tivemos não achando mantimentos para sustentar em tão largo tempo tanto numero de gente, e como o clima era como já fica dito pouco sadio houve muitas e graves doenças, e como faltavam tambem os medicamentos, foram muitos os mortos da gente vulgar, e dos mais tres religiosos carmelitas com o seu provincial, dois padres capuchos, companheiros do bispo de Malaca, D. Antonio de Sousa e Gonçalo da Costa ambos desembargadores, Sebastião Córrea e outros da familia do conde visor-ei, e para dizer tudo em poucas palavras cada dia morriam ao menos dois: nem eu deixei de participar das influencias d'este clima, porque logo me deu uma ardente febre, que me molestou mais de quinze dias, pondo-me em grande perigo: estando proximo a monção me deram outras febres com as quaes me embarquei assim em perigo, e me continuaram cincoenta e cinco dias já sem esperança alguma de vida, e na verdade se não fóra a quina que me deu o conde visor-ei era evidente o não chegar a Goa.

Aos 15 de Março por ser já entrado o tempo da monção deixando em Moçambique dois companheiros meus doentes, que eram os irmãos João Lopes e Christovão Flori, partimos para Goa com bom vento, o qual nos durou por alguns dias até passarmos outra vez a linha equinocial, aonde começámos a experimentar calmarias, talvez por irmos muito chegados á Costa de Africa.

Aos 10 de Maio á noite nos deu uma horri-vel tormenta a qual continuou com o mesmo furor o dia seguinte, em que ficámos sem leme nem mastro, e só com o casco da nau, que em si tinha vinte palmos de agua: caiu o mastro da mezena sobre o conde visor-ei com tal impeto, que o lançou por terra, e quando todos o podiam ter por morto, se levantou sem lesão alguma, mais que um pequeno signal na cabeça: atirou-se ao mar tudo o que se achou mais á mão, indo muitas coisas de valor, e das que ficaram se perderam quasi todas pela muita agua que a nau em si tinha, o que por então nos dava pouco cuidado porque como tinhamos pouca esperança de vida, só tratavamos de recorrer a Deus com os votos que n'aquella occasião são necessarios.

Teve-se por evidente milagre escaparmos d'este manifesto perigo, porque foi a tormenta tão extraordinaria, que os pilotos versados n'esta viagem disseram não ter visto coisa semelhante, e quando viram, que caídos os mastros ficavam presos nas enxarcias, e mais cordoalha, com cujo peso a nau de uma banda estava já submergida debaixo da agua, clamaram não haver já esperança alguma de vida, a cujas vozes se ouviram outras mais lastimosas confessando todos em publico as suas culpas afim de lhes darem a absolvição d'ellas.

Concertado tudo o melhor que pudemos seguimos nossa derrota e no fim de tres dias nos achámos em Goa quasi sem o imaginarmos, porque as correntes nos levavam para o norte e a nau com tão pouco panno e tão destroçada não podia resistir a seu impeto, mas Deus que nos guiava nos metteu dentro da barra de Goa, aonde ancorados aos 26 de Maio desembarcou logo o conde vice-rei, e descalço foi de noite render graças ao Santo Xavier a quem attribuiu o escaparmos de tantos perigos, cujo exemplo imitaram muitos, e em especial padres, que no dia seguinte fizeram o mesmo como tão obrigados a este grande apostolo.

Morreram em esta dilatada e trabalhosa viagem oito companheiros meus, quatro até Moçambique, que foram os padres Nicolau de Tour, João Baptista de Chirande, Christovão Braz, e P. Dondy e de Moçambique para Goa os padres Marcello Leblanc, e Philippe Couplet, e chegando a Goa morreram logo em breves dias o irmão Bernardo Osorio, e o padre Alexandre Coelho, e tirando dois, todos os mais adoeceram gravemente: e eu estive dias antes de chegar a Moçambique com uma grande dôr de colica, que me poz ás portas da morte: na nau capitanea morreram até Moçambique mais de trinta pessoas, de febres malignas de que outros escaparam, sendo no mesmo tempo cento e vinte e dois doentes juntos: de Moçambique para Goa não faltaram tambem doenças, de que morreram até cincoenta: na nau almirante soube terem fallecido até o tempo que chegou a Moçambique trinta pessoas e entre ellas o bispo de Malaca, e o padre visitador dos carmelitas descalços.

AVISO.

Os senhores assignantes, da capital e das provincias, que quizerem continuar com a sua assignatura no futuro anno, queiram ter a bondade de a mandar renovar antes do fim do corrente para não soffrerem interrupção na remessa dos numeros.

Roga-se tambem aos senhores que ainda não pagaram a assignatura do corrente anno, o favor de a mandar satisfazer quanto antes.